

# O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — ANSELMO DE SOUZA E PALERMO DE FARIA

**Publicações**

Anuncios, cada linha, typo commum. . . . .	20 réis
Comunicados . . . . .	60 »
Reclamos . . . . .	100 »
Artigos . . . . .	200 »

Quinta feira 20 de agosto de 1896

**Assignaturas**

Lisboa, série de 12 numeros . . . . .	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros . . . . .	600 »
Numero avulso . . . . .	50 »
Paizes da união postal, 24 numeros . . . . .	1.000 »

**RESUMO**

A fortificação improvisada e o tiro moderno, por M. GARCIA.— A abertura da caça.— Club dos Caçadores do Porto: escola de tiro, por BAPTISTA DE SÁ.— Tiro Civil em Bragança.— A caça.— Associação protectora da caça em tempo defeso.— Carreira de tiro.— Bibliographia.— O defeso, por ANSELMO DE SOUSA.— O direito de caçar, por MARTELLEIRO.

**A FORTIFICAÇÃO IMPROVISADA**

E O TIRO MODERNO

(Continuado do n.º 76)

X

**P**ERFIS DAS TRINCHEIRAS DE BATALHA — Quando é conhecido o numero de horas de que se dispõe para levantar uma trincheira, escolhe-se entre os diversos typos conhecidos aquelle susceptivel de ser feito em um dado tempo e que melhor satisfaça ás exigencias da situação. Se pelo contrario houver pressa em construir o abrigo sem se saber o instante em que os trabalhadores podem ser sorprendidos pelo ataque do adversario, torna-se util e forçoso obter um primeiro abrigo que, ainda que fraco de principio, possa gradualmente ser reforçado, tanto mais, quanto mais longo fôr o tempo que o ataque se demorar.

D'esta maneira se adquire praticamente um trabalho que se produz em quatro periodos.

Os aqui apresentados são os adoptados na escola pratica d'engenharia, seguindo-se para a sua execução o systema indicado no *Manual of elementary field engineering*; pelo bom resultado que deram foram adoptados officialmente e designados por perfis n.ºs 1, 2, 3, e 4, sendo este ultimo o typo normal da trincheira abrigo portugueza. Póde elle abrigar duas fileiras fazendo fogo de pé; a fileira supranumeraria circula a coberto e toda a sua guarnição pode estar abrigada dentro da trincheira até ao momento de entrar em fogo.

Se a construcção da trincheira começar pelo perfil n.º 3, levará 52 minutos por metro corrente e só se passará d'este para o definitivo quando houver tempo.

Quando haja urgencia de occupar uma posição, começa-se o

Perfil N.º 1.



traçado pelo perfil n.º 1, adoptado como elementar, tendo a trincheira 0<sup>m</sup>,65 de largura por 0<sup>m</sup>,40 de profundidade; a berma 0<sup>m</sup>,40 e a massa cobridora 0<sup>m</sup>,35. N'este perfil a primeira fileira se acha abrigada e póde fazer fogo de joelhos e a segunda se protege deitando-se no revez da trincheira, pelo que a intensidade do fogo será menor. A sua construcção dura doze minutos com a ferramenta de parque. Comquanto a berma mareada no manual seja de 0,40 para os quatro perfis, parece-nos contudo mais rasoavel em terras muito

desterroadas dar-lhe 0,50 nos dois primeiros, porque começando com esta largura ficará margem a que no terceiro e no ultimo as terras possam cahir sem a diminuir excessivamente, podendo mesmo chegar a 0,30 sem perder o seu fim principal (servir de degraus para o assalto.) N'um degrão de 0,25 já um soldado se póde sentar.

Perfil N.º 2.



O perfil n.º 2 deriva do n.º 1, duplicando a largura da trincheira para o que ella ficará com 1,30, largura da trincheira-abrigo franceza no seu primeiro perfil e elevando a altura da massa cobridora a 0<sup>m</sup>,40; este já permite então abrigar as duas fileiras que de joelhos fazem fogo dentro da trincheira e póde-se obter em 22 m. com a ferramenta do sapador d'infanteria, começando progressivamente pelo primeiro.

Como porém a fileira supranumeraria fica sem abrigo no perfil n.º 2, se passará, havendo tempo, para o perfil n.º 3, alargando a trincheira até 2,60 reduzindo a berma a 0,30, podendo ser e elevando a massa cobridora a 0,80, pelo que se obtém o fogo de pé em duas fileiras; a fileira supranumeraria satisfaz as principaes condições que já notámos.

Começando-se a construcção logo por este perfil se gastarão 32 m. enquanto que progressivamente se gastariam 42 m. com a ferramenta ordinaria.

Finalmente do perfil n.º 3 se passa para o n.º 4, reforçando o parapeito com as terras de uma excavação feita no fundo da trincheira (perfil n.º 3.) Este perfil permite o fogo de pé a duas fileiras e a circulação na trincheira a coberto do inimigo, podendo obter-se em 60 m.

Pela modificação do sr. Duval Telles se passava do perfil n.º 4 para o n.º 5, desmanchando o degrão do lado do parapeito e lançando as terras resultantes para a berma, afim de reforçar o parapeito cuja altura se faria diminuir até 0<sup>m</sup>,40.

«Os allemães, preocupados sobretudo com as condições de desenfilamento, supprimem sempre a berma das suas trincheiras.»

Ora apesar do perfil n.º 5 não vir mencionado no manual do sapador d'infanteria, parece-nos contudo vantajoso e digno de menção, porque além de ficar muito mais resistente contra a artilheria, tem a seu favor apresentar um menor alvo, podendo além d'isso pela suavidade da rampa do parapeito chamar menos a attenção do inimigo.

E d'ahi o perfil n.º 4 pode transformar-se no n.º 5 quando a natureza das terras o permitta e sempre que o terreno que se encontra na frente seja impraticavel e portanto não possa dar-se o caso de que o defensor tenha de abandonar a trincheira, tem ainda, como vemos, a vantagem de permittir ao defensor o accusar-se mais da massa cobridora ficando assim mais bem protegido contra os tiros razantes.

Como os trabalhos de fortificação de campanha são destinados a diminuir quanto possivel os effeitos dos tiros inimigos, é preciso evitar que elle perceba de longe o logar dos entrenchamentos levantados, por isso não é rigoroso sujeitar-mos-nos ás dimensões assignaladas nos diversos perfis das trincheiras, as quaes variarão na pratica com as condições particulares do terreno, a natureza d'este e o tempo disponivel, tendo de se attender mais á rapidez da execução do que á perfeição do trabalho; bastará que a trincheira se approxime o mais possivel dos perfis normaes, que só tem por fim fixar as ideias sobre o valor de cada um e o tempo preciso para o seu acabamento.

As trincheiras de batalha são muito uteis quando é preciso conservar e occupar por todo o preço uma porção descoberta do campo da batalha, sem abrigos naturaes. Depois de a sua guarnição ter avançado para o inimigo ellas servem de

abrigo ás tropas da segunda linha e ás reservas e fornecem em caso de revez um refugio, onde as tropas

Perfil N.º 3.



se ordenarão e apoiarão para fazer parar os progressos do adversario. Nos postos avançados guardam as passagens perigosas e cobrem os pequenos postos.

Na execução d'estes entrenchamentos é conveniente aproveitar, tanto quanto poder ser, a noite, a bruma da madrugada, o fumo do campo da batalha, as sebes, as linhas d'abrolhos, etc., para as occultar da vista do inimigo.

A terra removida de fresco, destaca-se do terreno ordinario, chamando a attenção; o mesmo acontece com os taludes, de arestas vivas. Convem pois não dar grande regularidade aos taludes, evitando mesmo a grande rectidão das arestas; em vez de se terminarem os levantamentos de terra por planos e arestas bem talhados, deve haver interesse em imitar as ondulações que representam o terreno natural.

Quando haja grande latitude para a escolha do logar, evita-se quanto se possa a collocação dos entrenchamentos na proximidade dos pontos marcados com cuidado na carta, por serem facéis de notar pelo inimigo.

Para dar ás terras removidas o mesmo aspecto que os restos do solo visinho, se cobrem com ramagens,ervas, terra

secca, etc., segundo ellas se projectam ao adversario.

«Na batalha de Sadowa, escreve o coronel austriaco de Pidoll, os entrincheiramentos de uma bateria e os abrigos de atiradores estabelecidos ao lado, foram tambem disfarçados com uma especie de couve silvestre estendida sobre o para-peito, que eu mesmo que conhecia a posição me approximei a 20. ou 30 metros sem as notar.»

«Na mesma batalha uns grupos de choupos visivel a distancia sobre as alturas de Horenoves, serviu de direcção ás columnas prussianas e de referencia á sua artilheria sobre as trincheiras ali estabelecidas.»

Resumindo, sobre os campos de batalha entrincheirados, o adversario não descobre obras bem disfarçadas senão quando consegue d'ellas approximar-se, ou quando previamente as tenha reconhecido; só assim poderá dispôr os seus meios d'ataque.

(Continúa)

MIGUEL GARCIA.  
Tenente d'infanteria.

## A ABERTURA DA CAÇA

Como em todos os annos amanheceu o dia 15 d'agosto com os campos cobertos de caçadores, anciosos por dar caça ás perdizes e aos coelhos e esperanças em que, attendendo á excepcional propaganda feita este anno em favor do defeso, encontrariam mais abundancia do que é costume ha muito tempo já.

A desillusão, porém, foi grande e recolleram quasi todos fatigados de subir os montes e atravessar os vales, sem ao menos terem occasião de dar um tiro. As perdizes não appareceram, e alguma que se viu de longe provou á evidencia que já conhecia de perto os caçadores.

Nos arredores de Lisboa os campos estavam todos battidos; nas proximidades de Setubal, apesar do que dissemos, nunca o defeso foi guardado senão theoreticamente, nos concelhos de Cintra e Cascaes exactamente a mesma cousa, por toda a parte emfim d'onde até este momento recebemos noticias, a caça é rara e sem reboço se afirma que a lei é uma historia de que ninguém faz caso.

Sentimos profundamente termos que curvar a cabeça perante a evidencia, e mais do que nunca nos convencemos de que é preciso acabar de vez com este abuso que priva os amadores d'um divertimento util e hygienico e o paiz d'um rendimento importante.

E, digamol-o com franqueza, não comprehendemos o motivo porque as auctoridades não castigam com todo o rigor os delinquentes e não dão ordens terminantes aos seus subordinados. Não ha terra alguma onde se não saiba, com toda a facilidade, quem são os caçadores; porque não se vigiam, depois de convenientemente prevenidos de que não devem caçar no tempo defeso e não ha para elles os rigores que aliaz temos visto applicar a delictos muito menos importantes?

Ha em tudo isto o quer que seja que nos deixa desorientados por não lhe encontrarmos explicação, mas do que ficamos convencidos é de que existe o mais completo e absoluto despreso pela lei e que a maioria das auctoridades administrativas não pensam sequer em que existem posturas prohibindo o exercicio da caça durante uma parte do anno e se entrem com a perseguição, sob qualquer pretexto, dos que lhe não são afeiçoados.

Está fundada uma associação de caçadores unica e exclusivamente destinada á propaganda em favor do defeso. O trabalho a que esta aggremação vae entregar-se é dos mais arduos e espinhosos, vae diligenciar ramificar-se por todo o paiz; vae pedir a todos os caçadores dignos d'este nome que a auxiliem e coadjvem para que seja respeitada e cumprida a lei; conseguirá porém, o seu intento? Não encontrará por parte das proprias auctoridades resistencias e grandes? Accreditamos que sim; o mal está profundamente enraizado e serão necessarios annos e muitos annos para que seja possivel dominal-o senão extinguil-o por completo. A raça dos caçadores, ou antes destruidores da caça, tem-se propagado extraordinariamente e o abuso tolerado por uns e até consentido por outros, transformou-se em habito de que até as auctoridades locais já tem sabido tirar partido em occasiões difíceis.

O dia 15 d'agosto d'este anno veio demonstrar bem que a nossa propaganda, tão tenazmente auxiliada por bastantes dos nossos collegas da imprensa, pouco ou quasi nada havia conseguido e que o mal estava muito mais generalizado do que se imaginava e se havia alastrado ainda além dos limites que nos era licito esperar.

Somos, porém, teimosos. Começamos, continuaremos; que não nos abandonem, pois, aquellos que, como nós, entendem que a caça é uma riqueza publica que deve aproveitar-se e um divertimento que é util animar-se e desenvolver-se.

## CLUB DOS CAÇADORES DO PORTO

### Escola de Tiro

(Conclusão)

O anno passado, no concurso official de tiro a chumbo, o meu saudoso e extinto amigo e confrade Christovão d'Almeida, um caçador distinctissimo, uma espingarda de primeira ordem, o primeiro caçador do Alto Minho, talvez, um atirador, finalmente, que não costumava errar, mas que emendava, quando errava, ou com tiros lindos, compridos, como na nossa Escola todos devem estar lembrados de lhe ver fazer aos pombos; esse bello rapaz, por todos adorado, que a morte nos roubou e aos seus, tão prematuramente; esse bello atirador, tanto a chumbo como a bala, que nós, por varias vezes admiramos, — teve o primeiro premio do Club, a medalha de ouro; e o segundo, a de prata, o meu bom amigo Costa Arantes, outra espingarda de fino quilate, mas mais infeliz n'esse concurso, porisso que obteve a segunda classificação, o segundo premio. Pois se a classificação fosse feita segundo as percentagens tiradas do numero de tiros dados e dos alvos aproveitados, Costa Arantes teria o primeiro premio, eu o segundo e Christovão d'Almeida o terceiro.

E porque? Porque este, contra o seu costume, teve de emendar cinco tiros; Costa Arantes, n'esse ponto, sendo mais feliz, não teve de emendar nenhum; e eu emendei dois mas tive só a menos um tiro bom.

No concurso d'este anno succederiam identicas circumstancias, se nos guiassemos pela opinião isolada, de um caçador, de quem sou intimo amigo, mas com cujas theorias, ácerca de varios assumptos venatorios, eu não posso concordar, como já tenho feito ver, em quanto não fôr convencido de que penso erradamente.

Digo que no concurso d'este anno succederia quasi o mesmo, porque, da mesma fórma que se deu no outro, as classificações, exceptuando a primeira, seriam um pouco differentes.

Não se julgue, repito, que fallo assim porque assim mais me convenha; e para que isso se não julgue, sou obrigado a dizer que n'este concurso, para não ir mais longe, fui eu e o Antonio Silva os que fizemos menos emendas. Mais ainda:

Eu se a classificação fosse feita pelo systema que combato, seria inevitavelmente premiado no concurso de tiro a chumbo, d'este anno, e ficaria de fóra outro que obteve, com toda a justiça, um premio.

Supponhâmos mais que se dava o facto de se fazer um torneio official em 50 tiros ou, seja, com 50 alvos: 5 pombos, 5 passaros e 40 esferas. Dois atiradores aproveitavam 45 alvos cada um, errando ambos os passaros, por exemplo; mas um errara-os só com um tiro que fez a cada passaro, porque não se ageitou a emendal-os, e o outro errara-os com dois tiros, porque emendou e não matou, devido a uma questão de pouca sorte. Qual dos dois atiradores deveria ser melhor classificado?

Se eu fizesse parte do jury que tivesse de julgal-os, considerava-os indecisos; se tivesse de resolver a favor d'um, forçosamente collocaria em primeiro logar o que maior numero de tiros tinha dado.

Para mim, um errara menos tiros mas não porfiara; outro errara mais, mas fizera maiores diligencias por matar; e como este era dotado de mais fé e maior desembaraço, e não menospresara o aphorismo que todo o caçador tem obrigação de conhecer e considerar, enunciado nas palavras «Quem porfia mata caça», eu, torno a dizer, collocaria em primeiro logar o que maior numero de tiros tinha dado.

O sr. dr. Jayme Ribeiro apresentou já em sessão de direcção a sua proposta relativa ao futuro concurso annual de tiro a chumbo, que ficara d'apresentar. Eis a sua essencia:

- Que se conservem os premios conferidos este anno;
- Que se criem mais tres medalhas, uma d'ouro, uma de *vermeil* e outra de prata;
- Que se criem mais tres premios em dinheiro ou objectos d'arte.

Aos premios anteriormente estabelecidos só podem concorrer socios do Club; aos outros, todos os individuos, indistinctamente.

Para os primeiros prevalecem as percentagens fixadas no Regulamento da Escola; para os demais não são estabelecidas percentagens.

Esta proposta foi já approvada pela direcção, mas terá de ser submetida ao assentimento da assémblea geral.

Com relação ao tiro á bala, vae ser apresentada tambem uma proposta pelo sr. João Andresen e por mim.

Da nobre Commissão Central Executiva do Centenario da India, recebeu a direcção do nosso Club um officio convidando-a a nomear até tres delegados seus, juntos da illustre Commissão Organizadora do Concurso Internacional de Tiro, conforme os desejos d'esta commissão.

Ao sr. João Andresen e a mim coube a honra de sermos os nomeados.

A direcção agradeceu já tão honrosa distincção.

Isto agora entende-se com os srs. typographos do *Tiro Civil*, a quem vou pedir, muito instantemente, o especial obsequio de não deslocarem d'esta vez periodo nenhum, como fizeram no numero passado, no fim da setima columna; e o penultimo é que devia ser o ultimo.

Não me importei tanto com o ver um *preferam* por *profram* na quinta columna, porque o leitor viu logo que não tinha ali cabimento o verbo *preferir* mas sim o *proferir*; a troca dos periodos alludidos e o dizer-se que o sr. Albino de Guimarães atirou a 35 alvos, quando eu escrevi 25, como estava nas provas, que revii, tem-me feito dar o meu bocado de sorte e naturalmente ao meu amigo Albino Guimarães.

E tenho dito.

Porto, agosto de 96.

BAPTISTA DE SÁ.

## TIRO CIVIL EM BRAGANÇA

No dia 9 do corrente, dispararam-se 172, tiros com a arma K8<sup>mm</sup> m/1886. Alvos, 100<sup>m</sup>, *normal e figura deitada*; 200<sup>m</sup>, *figura deitada* e 400<sup>m</sup>, *normal*. Atiradores 18; tiros acertados 80; percentagem 46,5.

O sr. Amaral distincto atirador, tirou a photographia da sessão a 100 metros. O dia esteve magnifico, claro e sem vento.

## A CAÇA

São diversas as noticias que nos chegam a proposito da maior ou menor abundancia de caça; sobre este assumpto daremos todas as informações que formos obtendo.

Dois caçadores, nossos assignantes e amigos, foram nos dois dias para o logar do Cadouço, concelho de Torres Vedras; ficaram desapontados, poucas perdizes e batidas; n'esses dois dias, aquelles caçadores, apenas mataram 5 perdizes; razões dadas por um do sitio: «no tempo dos ninhos os rapazes fartaram-se de os destruir, e agora o filho do regedor, caça desde o principio de julho; aquillo é d'elle.»

Na segunda feira á noite foi prezo o sr. Oliveira Simões, ás portas da Avenida Estephania, por não trazer licença de porte d'arma.

Dois caçadores, que foram nos dois dias para os lados de Bellas, dizem ter morto um 7 e outro 12 perdizes.

No domingo á noite, dois caçadores chegados á *gare* do Rocio, entregam os cães e as maletas ao creado, ficando com as espingardas; á sahida, o guarda fiscal pergunta ao creado pela licença de porte d'arma, e... não diz nada aos patrões que conduziam as espingardas; esperto.

Da Azambuja dizem que as perdizes andam alli em grandes bandos, tendo os caçadores que para lá foram, feito larga colheita; cazo para parabens.

No Reguengo tem por costume deitar bolos envenenados junto das vinhas por causa dos cães; o sr. José Joaquim d'Almeida, que ali foi caçar, ficou sem um excellente *pointer*, que o acompanhava, por isso que comeu um dos taes bolos; simplesmente barbaro, e se alguma criança apanha e come um?

Em geral os caçadores, estão desalentados com a falta de caça. Em Montemor existe um rapaz conhecido no sitio que dizem ter dado cabo de 25 ninhos de perdiz e em Bocellas ha outro nas mesmas condições.

Em Caneças pouca caça e essa mesma batida; ha ali dois sujeitos que se encargam de a dizimar durante o *defeso*.

Emfim, por toda a parte o mesmo, leis e regulamentos é cousa de que ninguém faz caso.

## ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA CAÇA EM TEMPO DEFESO

TEM augmentado consideravelmente o numero de socios d'esta associação, que se propõe prestar relevantissimos serviços á caça, tanto como divertimento como riqueza publica. Se damos á perdiz, o preço de 200 réis cada uma, calcule-se o prejuizo enorme que traz a destruição das ninhadas, que, em media, são de 10, 12 e mais perdigotos.

Por estes factos temos as mais bem fundadas esperanças que ella virá a prestar valiosissimos serviços.

Hoje damos á estampa a gravura que representa o timbre da Associação.



É uma reproducção, magnificamente tirada pela photogravura, nas officinas do sr. Pires Marinho & C.<sup>a</sup>, que é quem incontestavelmente tem conseguido entre nós dar maior perfeição a este systema de gravura.

## CARREIRA DE TIRO

No domingo, 16 do corrente dispararam-se 970 tiros, com o seguinte resultado:

Alvo a 100 <sup>m</sup> ..	80 disparados	52 acertados
> 200 <sup>m</sup> ..	270	118
> 300 <sup>m</sup> ..	610	295
> 400 <sup>m</sup> ..	10	8
Total...	970	473

O alvo a 200<sup>m</sup>, é de *figura de joelhos*.

### Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Os socios d'esta Associação fizeram 460 tiros:

Alvo a 200 <sup>m</sup> ..	120 disparados	55 acertados
> 300 <sup>m</sup> ..	330	204
> 400 <sup>m</sup> ..	10	8
Total...	460	267

### Associação dos Atiradores Civis Estrella

Os socios d'esta Associação fizeram 160 tiros:

Alvo a 200 <sup>m</sup> ..	40 disparados	23 acertados
> 300 <sup>m</sup> ..	120	43
Total...	160	66

Além dos socios das duas Associações estiveram atiradores dos **Grupo Patria**, **Grupo Atheneu** e **Grupo Suizo**, que fizeram muitas e magnificas series.

## POULE

Organisou-se uma a 300<sup>m</sup>, 10 tiros, fogo de pé, ao maior numero de balas acertadas no alvo, desempatando pelo maior numero de centros; o resultado foi o seguinte:

M. Hermmann.....	10 atirados	8 acertados
Agostinho M. Sousa.	10	8
M. J. Magalhães.....	10	5
J. C. Pedrozo.....	10	4
J. M. Carvella.....	9	8
Gil Portocarrero....	9	7
J. Ivens Ferraz.....	9	6
Ligorio Silva.....	9	6
T. Vianna.....	9	6
E. Noronha.....	8	3
J. F. Freitas.....	8	3
J. M. Gouveia.....	7	2

Empataram os srs. M. Hermmann e Agostinho Souza, que desempataram em 5 tiros, vencendo o sr. Hermmann, empregando 5 balas com 4 centros contra 4 acertadas com 2 centros, pelo sr. Agostinho Souza.

Na carreira matricularam-se 4 atiradores novos, os srs. João Augusto da Costa, de 21 annos, natural de Vizeu; João Ricardo Machado, de 21 annos, de Penafiel; Vicente Cannas Carrasqueiro, de 21 annos, de Lisboa e Leonardo Mourão, de 18 annos, de Lisboa.

## BIBLIOGRAPHIA

Boletim, *Atiradores Civis Estrella*, n.º 4, Julho de 1896. Lisboa.

*Revista das Escolas*, n.º 22, de 26 de Julho de 1896. Porto.

*A proposito do Centenario*, da revista politica do *Commercio do Porto*, de 4 de Agosto de 1896.

*O Instituto Academico*, boletim escolar mensal do Collegio de Lisboa do mesmo titulo, n.º 7, Julho, 1896.

*Revista Florestal*, 2.<sup>a</sup> serie, n.º 8; 2.<sup>o</sup> anno, Agosto, 1896. Aveiro.

*Jornal Horticolo-agricola*, n.º 41. 4.<sup>o</sup> anno, Agosto de 1896. Porto.

## O DEFESO

CONTINUAMOS registando tudo o que diga respeito a este importante assumpto, embora estejamos em tempo de caça.

O nosso estimavel collega *O Seculo* publicou, no dia 16, um magnifico artigo illustrado, tendo por titulo *A Abertura da Caça*; felicitamos o nosso collega e felicitamos-nos a nós, porque a propaganda d'um jornal da importancia e publicidade de *O Seculo*, é uma alavanca poderosissima em favor do nosso ideal, *o defeso*.

No dia 14 publicou o mesmo collega:

Termina hoje o defeso, começando amanhã, 15, a epoca da caça.

Segundo nos consta, a policia e a guarda fiscal tem as ordens mais terminantes para em todas as estações do caminho de ferro, barreiras, etc., fiscalisarem se os portadores de armas de fogo estão munidos da respectiva licença.

São justissimas estas ordens visto tratar-se de fazer cumprir uma lei; mas porque será que nunca foram dadas ordens semelhantes quando se tratava do defeso, que tambem é uma lei?!

S6 n'uma cousa não concordamos, é que o primeiro dia de caça seja o dia 15; segundo a letra da lei, este é o ultimo do *defeso*, por isso que diz o *Regulamento districtal sobre o exercicio da caça*, no artigo 11.<sup>o</sup>:

Cessa a liberdade de caçar no districto de Lisboa durante o periodo que decorre de 1 de março a 15 de agosto de cada anno.

Logo, marca o primeiro e o ultimo dia em que é *defeso* caçar. Sabemos que ha mais opiniões contrarias á nossa, mas tambem é certo, que muitas outras temos a

nosso favor; emfim, isto é uma questão de vinte e quatro horas, que a muitos caçadores agrada, por o dia 15 ser santificado.

Do nosso estimavel collega *A Folha do Povo*:

### A caça no nosso paiz

E' inacreditavel e indecoroso o desprezo que as nossas auctoridades votam ás leis da caça, tendo por dever cumpril-as. Não nos surprehe que a imprensa dia a dia registre abusos das referidas leis que, porventura, se tenham praticado em pontos afastados dos grandes centros, mas que elles se repitam, com frequencia e sem o mais leve receio, quasi dentro da area policiada da cidade de Lisboa... é de pasmar!

Na Serra do Monsanto caça-se descaradamente perdizes e coelhos.

Os nossos collegas, o «Seculo» de 26 e o «Tiro Civil» de 30 do mez passado, indicando ao sr. governador civil algumas medidas tendentes a pôr um dique a tal anarchia, lembravam a conveniencia d'umas rugas áquelles sitios e mais águns; foi bradar no deserto; taes providencias não appareceram, e a caça que ainda é defesa continúa soffrendo um enorme desbaste, com prejuizo manifesto d'aquelles que conscienciosamente aguardam o solemne dia da abertura, os caçadores — «de verdade —», os que respeitam a procreação e a lei, primeiro que se entreguem aos exercicios venatorios; são esses que reclamam o rigoroso cumprimento da mesma lei, ou então que ella se atire de vez ao cesto dos papeis inuteis e não se pense mais n'isso.

UM DEVOTO DE S. HUMBERTO.

O nosso distincto collega *A Folha de Beja*, publica a seguinte local, que muito nos penhora pela referencia que faz ao *Tiro Civil*, e porque é mais um valioso elemento de propagação e combate a favor do *defeso*. Bem vindo seja. Segue a local:

### CAÇA

Termina depois de amanhã o tempo em que é defeso caçar, entre outros, no districto de Lisboa. O nosso presado collega «O Tiro Civil», referindo-se a uma noticia do nosso jornal, em que diziamos ter terminado no dia 4 de julho o tempo defeso no concelho de Beja, lamenta que a lei não seja igual em todo o paiz, e faz vêr a sem razão de n'uns pontos acabar a prohibição de caçar mais cedo do que n'outros.

Tem muita razão o nosso collega, mas o que é mais para lastimar é que, cá pe'o a emtejo, mesmo sendo curto o praso do defeso, elle se não respeite e se cace quando e onde se quer, em respeito pelas determinações legais e ainda tambem sem ostransgressores serem perseguidos e castigados.

Por cá sabemos nós que se caçou no tempo defeso e tambem sabemos que os cofres da fazenda não abarrotaram de dinheiro proveniente de multas originadas nas transgressões do defeso.

Todavia, visto que o collega deseja que a imprensa das provincias o auxilie na cruzada que abriu para que se faça respeitar a lei que regula este assumpto, pode querer que ficarmos de atalaia e empregaremos os meios ao nosso alcance para que se entre na ordem, embora tenhamos de lutar com bastantes difficuldades por causa de certos caçadores que precisam e hão de ser «caçados».

De um nosso assignante recebemos a seguinte carta que gostosamente publicamos:

SR. REDACTOR. — Permitta-me v. que lhe tome por hoje algumas linhas do seu estimado jornal, visto que se dedica á classe dos caçadores, narrando-lhe a forma honrosa e diligente como o digno administrador d'este concelho o sr. Junqueira, tem empregado para rigoroso cumprimento do defeso da caça. S. ex.<sup>a</sup> não se poupou aos mais custosos esforços, estabelecendo rondas por diversos lugares d'este concelho, formadas por 2 policias, resultando serem encontrados a caçar perto do apiadeiro do Cacem Francisco Querido e um estrangeiro, empregados da fabrica do Rio de Mouro; sendo apprehendida ao primeiro uma espingarda de 2 canos e 1 perdiz pe'oque deu entrada na cadeia; o segundo evadiu-se, mas já depositou na camara a multa de 10500 réis. A apprehensão foi feita pelos guardas n.º 4, Miguel Crespo, e n.º 10, Anto-

nio Duarte Lages. Se v. me permittir voltarei brevemente a assumptos relativos á caça, em que o sr. Junqueira tem procedido com todo o criterio digno do seu caracter; e creia-me sr. Redactor um seu mais sincero  
Cintra, 12.

ASSIGNANTE.

Por hoje basta, mas voltaremos ao assumpto, por isso que teremos de tratar do *defeso* mesmo no tempo de caça.

ANSELMO DE SOUSA.

## Club dos Caçadores do Porto

No nosso n.º 75, no artigo firmado pelo nosso bom amigo e assignante o sr. Alves Pimenta, sahiu por lapso, errado o nome d'este club, chamamos-lhe *Club dos atiradores* em logar de *Club dos Caçadores*. Fica feita a emenda e a confissão da nossa falta.

## O DIREITO DE CAÇAR

(Continuação do n.º 72)

ARDE-LHE?! É pimenta. Assim o disse Francisco Palha e elle lá tinha as suas razões.

Ora, sr. W., nós já indicámos quaes as nossas propensões fradesecas e, se os sectarios das doutrinas de Pythagoras não eram uns patetinhas e a transmigração das almas é um facto, dir-lhe-hemos que nos sobram razões para acreditarmos que n'uma anterior encarnação, fomos algum rechonchudo tonsurado a quem as espessas camadas de tecido adiposo deixaram embotada a sensibilidade para cousas mesmo muito mais excitantes do que a *pose* ou os desdenninhos de v. ex.<sup>a</sup>

A preguiça, de que não conseguimos ainda livrar-nos, impede-nos de relêr o que escrevemos, mas: serio, serio, foi assim como v. ex.<sup>a</sup> diz na sua carta?!

Parece-nos que v. ex.<sup>a</sup> vê bem demais onde lhe convém e põe oculos de vidros fumados para o que não lhe faz conta!

Não foram só caçadores de Lisboa que pediram que se permittisse a caça ás codornizes; em Santarem fez-se igual pedido e ainda podiamos citar, pelo menos, uma outra localidade onde o triste exemplo da capital fructificou e, muito encapotadamente, o pedido tambem se fez; portanto a allusão contida no nosso ultimo artigo vae ferir muito mais cavalheiros do que os quarenta signatarios do requerimento feito em Lisboa, e nós trememos já ao pensar nas horriveis consequencias do nosso *desmando*!!

E, no entanto, sr. W., quando jazermos em terra por termos esquecido que as allusões são prohibidas, parodiaremos Galileu e diremos então, como dizemos hoje, com a mais plena e inteira convicção, que em prol da caça ás codornizes durante a veda não ouvimos senão... *a tal coisa*; e, ao morrermos assim impenitentes, lamentaremos, acima de tudo, que v. ex.<sup>a</sup>, que poderia ter-nos illuminado o espirito, em vez de oppôr argumentos ao nosso ultimo periodo, evitasse isso por uma coactada vulgar e que até as sebatas do sr. Borges de Figueiredo ensinavam; preferindo exalar-nos com o qualificativo de philanthropos, o que não podemos deixar de agradecer reconhecidissimos!!

Mas, sr. W., v. ex.<sup>a</sup> é muito mau suppondo-nos tão ruins intenções como parece suppor.

Creia que ha cá pelo convento tanta humildade como espirito de justiça e que

nós, que não lemos nenhum dos requerimentos feitos ás camaras e avaliamos o que conteem pelo que nos dizem, teriamos, creia, o maior prazer em fazer justiça aos signatarios, não hesitando em ir de baração ao pescogo sujeitarmos-nos ao castigo se esses documentos conteem provas de que searsas, creações e hygiene não são lesadas pela tal caça ás codornizes: senão, não.

Nós acreditámos mesmo que o requerimento feito em Lisboa deve ser peça em que muito tenhamos que aprender, pois, sabido como é que o sr. João Franco tem a magnifica qualidade de ser teimoso, alguma razão houve para que este anno não fosse invalidada, como no anno findo, a deliberação da commissão executiva da Camara Municipal de Lisboa, ou como o foi, pelo sr. dr. Manuel Gomes da Silva, a da Camara Municipal de Santarem; e essa razão foi, crêmos, a força convincente de argumentos e não qualquer influencia pessoal... cousa inadmissivel no nosso meio!!...

E não seremos só nós que aprenderemos; hão de aprender e penitenciar-se todos os cavalheiros que no norte do paiz, teem pugnado altivamente por uma riqueza que o sr. W. parece desdenhar.

Sr. W., v. ex.<sup>a</sup> trouxe um pouco imprudentemente, permitta-nos o termo, para a tãla da discussão, um documento que merece todo o respeito pelos seus signatarios, que só v. ex.<sup>a</sup> offende, comolhe provei mais adiante, nos não inhiibe de considerarmos um documento publico e portanto sujeito á critica de quem a queira fazer, e cujo valor crêmos bem pequeno a avaliar pela arremetida com que v. ex.<sup>a</sup> sahiu a defendel-o, que foi a final o que nos lembrou a citação do fallecido Palha.

Tambem v. ex.<sup>a</sup>, fingindo não ter lido um periodo em que expozemos a nossa opinião sobre a emigração das codornizes (e v. ex.<sup>a</sup> é por certo um grande respeitador das opiniões alheias) vem perguntar-nos triumphante se somos capazes de constatar que a codorniz seja ave de arribação e aconselha-nos a que leiamos um simples dictionario.

V. ex.<sup>a</sup> reparou bem em que isto de ter opinião sobre qualquer cousa indica um estudo e um criterio que não são ahi para qualquer Martelleiro?

Não creia v. ex.<sup>a</sup> que nos repugne dever favores a um adversario, porém, o do conselho que nos dá, não o aceitamos, por inutil, mas pedimos já o de responder para nossa elucidação ao seguinte: Se não ha uma variedade da *perdix coturnix* que possamos considerar indigena; de onde veem as codornizes que todo o anno se encontram nos nossos campos; quaes as epochas das emigrações; quaes os pontos que conhece do seu itinerario?

Não admite v. ex.<sup>a</sup> que a pobre avésita, por emigrações que datam talvez de muitos seculos, tenha adquirido as condições de resistencia precisas para o seu desenvolvimento no nosso clima?

E se não aceitamos o conselho de recorrer ao dictionario foi, creia, por julgarmos muito para lamentar quem tenha um dictionario por unica fonte dos seus conhecimentos. Um dictionario, v. ex.<sup>a</sup> sabe isto muito bem, nem sempre está á altura dos ultimos progressos realizados em qualquer ordem de factos e portanto v. ex.<sup>a</sup> não deve acreditar tudo o que os dictionarios disserem.

MARTELLEIRO.

Editor responsavel — Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL — Officina typographica  
Rua de S. Paulo, 216, 3.º